



Foto: Lauren Pettenon

Colheita de citros, Odir e Geane de Oliveira, Três Forquilhas - junho 2013

# Redes de cooperação e agricultura ecológica no Litoral Norte do Rio Grande do Sul

**Flávia Charão Marques, Maria Alice F. Corrêa Mendonça, Monique Medeiros e Lauren da Silva Pettenon**

**O** Litoral Norte do Rio Grande do Sul faz parte dos domínios do Bioma Mata Atlântica, constituindo-se em uma região altamente diversa em paisagens, que se estendem desde a planície costeira até os morros onde predominam formações florestais, abrigando

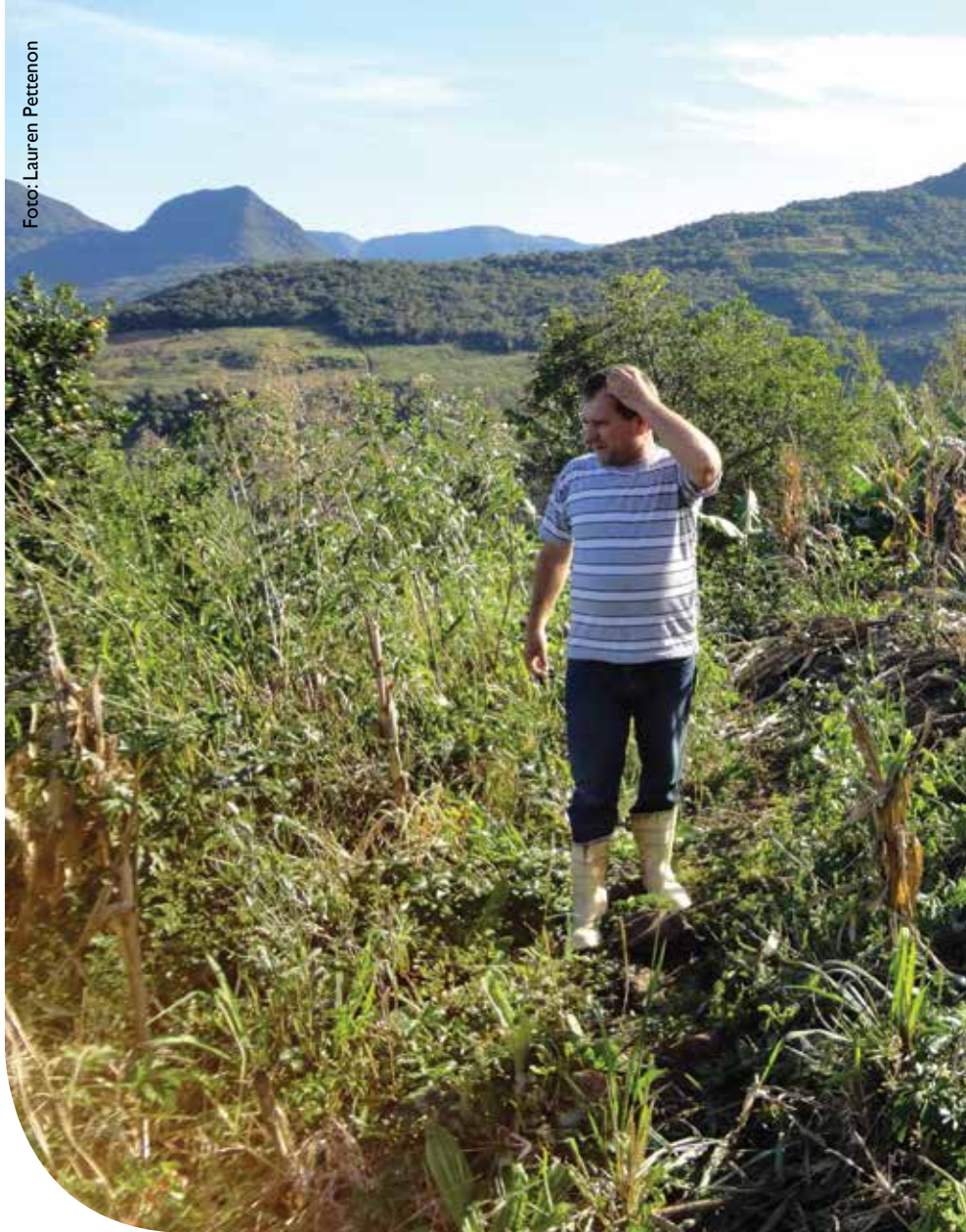
espécies de fauna e de flora de relevância ecológica e ambiental. Cumpre ressaltar também que suas encostas são marcadas por uma história antiga forjada por homens e mulheres de várias origens e etnias, cujo reconhecimento nem sempre esteve na ordem do dia.

Trata-se de um território complexo sob vários aspectos. São 19 municípios, alguns contam com muitas praias e lagoas, que despertam o interesse da especulação imobiliária e atraem um forte movimento turístico durante o verão. O território possui 16 unidades de conservação, sendo dez de proteção integral e seis de uso sustentável, sendo que boa parcela de sua área integra a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. A paisagem também é composta por comunidades quilombolas e M'byá Guarani, que, juntas, ocupam mais de cinco mil hectares nos quais habitam cerca de mil famílias. A pesca artesanal é outra atividade econômica importante na região. Vale destacar, ainda, que a região é cortada pela BR 101, rodovia que liga os países do Mercosul ao norte do Brasil, e que conta com um parque eólico para a produção de energia.

No entanto, dentre todos esses aspectos, este artigo visa analisar a experiência de agricultores que identificam a si mesmos como *ecológicos*, procurando ressaltar como eles se situam nesse complexo cenário territorial, particularmente ao construir formas de conciliação entre perspectivas opostas para a ocupação das paisagens rurais na região.

### **Desenvolver ou preservar? Uma contradição imposta pela modernização agrícola**

No início dos anos 2000, um relatório de pesquisa elaborado pela Associação Ação Nascente Maquiné (Anama) em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS) identificava as diferentes fases de ocupação humana do Litoral Norte do Rio Grande do Sul: indígena, colonial-portuguesa, colonial-imigrante e produtivista-moderno (Anama, 2000). Por volta dos anos 1870, a instalação dos colonos (como são designados os imigrantes europeus)



Odir e Geane de Oliveira, agricultores de Três Forquilhas - junho 2013

correspondeu a um período de intensa modificação do ambiente natural, sobretudo por meio da *conquista* da floresta, uma vez que esse foi o espaço a eles destinado para a produção agrícola e a reprodução de seus modos de viver. Grosso modo, esse grupo está associado às práticas tradicionais agrícolas peculiares às encostas da região que, posteriormente, passariam pelo processo de modernização agrícola e entrariam em conflito com os interesses conservacionistas internalizados nas leis ambientais.

O fim do período colonial, nos anos 1950, marca o momento em que as políticas de modernização passaram a incidir na região. Logo foram sentidos os impactos das alterações do modelo produtivo e social, tais como a queda dos preços dos produtos locais; a dificuldade de comercialização dos animais de raças crioulas; o êxodo para as áreas urbanas; e a geração de disparidades internas à região. Nas várzeas mecanizáveis, intensificaram-se as produções de hortaliças, arroz e abacaxi com farto uso dos insumos ditos *modernos*. Nas encostas, entraram os bananais em monocultura e, aos poucos, a produção para autoconsumo diminuiu. As particularidades dos novos arranjos socioeconômicos estavam intimamente ligadas ao uso predatório dos recursos naturais da região.

Não tardou muito para que ideias preservacionistas ganhassem força e, em seguida, encontrassem amparo na legislação ambiental e no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Snuc). O controle efetuado pelos órgãos de fiscalização acentuou o processo de evasão dos agricultores das zonas de encostas, já



que eles não se adequavam nem à dinâmica desenvolvimentista impulsionada pelas políticas agrícolas, nem às novas normas ambientais.

O diálogo estabelecido entre o movimento ambientalista e as comunidades locais no bojo dos iniciantes debates sobre sustentabilidade, nos anos 1990, contribuiu decisivamente para o surgimento de arranjos inovadores que visam conciliar objetivos econômicos, sociais e ambientais, viabilizando alternativas para que as famílias agricultoras permaneçam em seus locais de origem. Algumas dessas experiências inspiram este artigo e constituem parte de articulações e redes que vêm fazendo emergir, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, dinâmicas sociais e técnicas que fortalecem a agricultura de base ecológica como um caminho para a superação da exclusão social e produtiva e da pobreza.

### **Transição agroecológica, coisa de loucos e teimosos?**

Dos agricultores, ouvimos reiteradas vezes que eles eram taxados de *loucos*. Isso não vai dar em nada! Vocês vão

*morrer de fome!* Essas eram as expressões corriqueiras que ouviam de vizinhos e parentes. A sua insistência em levar à frente as experiências de agricultura ecológica mesmo diante desse senso comum adverso explica por que também eram considerados *teimosos*.

Ao conhecermos de perto a trajetória das famílias, é possível entender o porquê da *teimosia*. O caso da família de Odir e Giane pode ilustrar como fazer diferente muitas vezes não é bem compreendido. Eles contam que a adoção das práticas da agricultura convencional, anos atrás, era entendida como uma escolha *natural*, ou seja, um caminho que se apresentava como obrigatório e inquestionável.

*Eu sempre fui agricultor, praticava a agricultura primária, aquela onde não se usava ainda tantos agroquímicos. Depois, entrei na agricultura convencional, aonde usei muito adubo químico e bastante agrotóxico, porque se pensava que, pra produzir com qualidade e com quantidade, precisava de tanto agroquímicos. Eu comecei a trabalhar naquela área em 1993, já era um solo completamente acabado pelo uso do fogo. (Odir, agricultor de Três Forquilhas)*

Foguinho (apelido de Ivonildo) também relata que, depois de passar um tempo na cidade *tentando a vida*, voltou para o Litoral e se dedicou à agricultura, já que, para ele, essa é sua verdadeira vocação, herdada da avó, que *tinha sangue de índio*. Entretanto, durante mais de dez anos, produziu em sistema convencional.

*Quando cheguei aqui, entrei na história da produção e comecei com os agroquímicos. Produzia de tudo: cenoura, beterraba, rabanete, batata doce, aipim, moranga, abóbora, sempre numa corrente. Tirava uma planta e produzia outra, que nem o ceaseiro hoje. Começa a analisar o mercado, vê o que precisa e planta. Porque isso é um pacote, né? Compra a semente, já tem os adubos. Só que isso não deu resultado nenhum. Entre 85, 90, 2000, acho que, durante uns 15 ou 12 anos, fiquei nessa dos agrotóxicos. Tinha porco e produzia milho e usava mais agroquímico, não tinha o conhecimento que tenho hoje. (Foguinho, agricultor de Itati)*

Atualmente, a introdução ou melhoria de sistemas agroflorestais (SAFs) é apontada pelos agricultores como *saída* para *garantir* a produção sem entrar em choque com o regimento estabelecido para as zonas do entorno das unidades de conservação. A casa de Foguinho, por exemplo, é rodeada pela Mata Atlântica. *Estamos na área de amortecimento da Reserva Biológica da Mata Paludosa [...] e é impossível de viver da agricultura se nós não inovarmos, porque sozinho tu não vai conseguir avançar*, conta o agricultor. Inovar, nesse caso, significa introduzir no bananal, sua principal atividade econômica,

novas culturas, como café, abacate, palmeira juçara, além de espécies madeiráveis.

Ronildo é outro agricultor que tem uma *passagem* pela agricultura convencional. Ele conta que seus pais começaram a usar agroquímicos porque achavam *que aquilo ia ajudar eles*. Mais tarde, em conjunto com a esposa Maria Inês, Ronildo decidiu trilhar seu próprio caminho, por entender que o convencional não tinha resolvido o problema da família dele.

*De 13 anos pra cá, a gente fez uma mudança. A gente trabalha em grupo, trabalhamos com agricultura ecológica, com registro (certificação). Tá melhorando porque isso traz mais vida pra gente, né? Pros nossos filhos, pras terras que estavam esgotadas e nós também comercializamos a produção ecológica. (Ronildo, agricultor de Três Forquilhas.)*

Contrariando a visão de que optar pela agricultura ecológica é uma loucura, as famílias que seguiram esse caminho são unânimes ao afirmar que, para elas, a *vida melhorou*.

### Ampliando a renda, escapando da pobreza

Entre as famílias que enveredaram por essa trajetória, está a de Eliane e Nelson e as de Tézio e Terêncio (que são irmãos), todas da comunidade Arroio do Padre. É perceptível que suas vidas vêm mudando e que a promoção da Agroecologia com o suporte de políticas públicas exerce um papel relevante nessa mudança.

Eliane e Nelson vivem em um terreno pedregoso e íngreme, em um lugar muito bonito, cercado pela Mata Atlântica. Por um longo período, usavam herbicidas e práticas convencionais no cultivo do feijão. Agora, diversificaram a produção, não usam

mais agrotóxicos e estão vendendo seus produtos nas feiras locais. Seus vizinhos, os irmãos Tézio e Terêncio, têm uma área em comum onde estão aprendendo a cultivar flores ecologicamente, além de produzirem a juçara, hortaliças e frutas.

Terêncio reclamava sobre as dificuldades iniciais para trabalhar com a agricultura ecológica: *No final, o intermediário é quem comprava nossos produtos e misturava tudo na hora de vender: os com e os sem agrotóxicos. E, ainda por cima, ele também decidia o quanto ele pagaria para nós pelos produtos.*

## Políticas públicas recentes, com foco na agricultura familiar e na ampliação e realocação dos sistemas agroalimentares, têm demonstrado boa capacidade de compatibilizar as mudanças nas técnicas de produção e as mudanças nos mercados locais.

As três famílias participam de um grupo que formou, em 2006, a Cooperativa dos Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas (Coomafitt), criada inicialmente com o intuito de *fugir dos intermediários*. Posteriormente, a cooperativa passou a atuar na venda ao mercado institucional, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). Com a Coomafitt, as famílias agricultoras adquiriram mais autonomia

Manejo do bananal, Ivonildo Silveira - Itati - junho 2013



Foto: Lauren Pettenon

na tomada de decisão. Antes de sua criação, as famílias relatam que vendiam produtos, como a banana, pela metade do preço durante a safra de inverno. Agora, atuam de forma cooperada e recebem o mesmo valor durante todo o ano. Essa conquista está alicerçada na segurança que a venda para o mercado institucional oferece. Por meio da Coomafitt e das organizações parceiras, agricultores e agricultoras estão cada vez mais capacitados, em melhores condições para controlar os preços e promover a venda dos seus produtos. Além disso, passaram a decidir por eles próprios sobre a produção.

Outra iniciativa importante para absorver a produção local, mas também para dar visibilidade aos agricultores junto aos consumidores, tem sido a expansão de feiras ecológicas no Rio Grande do Sul. Em Capão da Canoa, município localizado na costa litorânea (com forte fluxo de turistas), foi criada a feira *Prove Capão*, destinada à produção de agricultores familiares. A feira conta atualmente com mais de 60 feirantes, entre agricultores e alguns artesãos. Eliane, que participa desse mercado, conta:

*Agora posso diversificar minha produção, eu posso ter salada para a minha filha e as práticas agroecológicas fazem mais sentido para mim. Antes, a gente cultivava só feijão, para vender a um preço muito baixo para o intermediário. [...] Agora posso produzir alimentos para minha família, e aquilo que nós não comemos vendemos na feira, mesmo que seja só um pouquinho, é só trazer que vende. (Eliane, agricultora de Três Forquilhas)*

Para esses agricultores, a opção pela agricultura ecológica está fortemente ligada à possibilidade de obtenção de renda, mas também é motivada pela satisfação de ter seu trabalho reconhecido e valorizado.

**Em fevereiro de 2014, as primeiras famílias obtiveram o Certificado de Conformidade da Produção Orgânica, emitido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o que representou um motivo de orgulho para o grupo. Além do reconhecimento oficial, essa conquista, que resultou de longo e trabalhoso processo, proporcionou aprendizagem coletiva que impulsiona novas mudanças.**

### Cooperação, redes e aprendizados

*Cada um tem um jeito de manejar. Quando se trabalha em grupo, acontecem muitas visitas, e os outros indicam quando um não tá bem. Um ajuda os outros, fazem visitas, há críticas, há elogios. Se ele faz dum jeito que ficou bom, o outro também vai fazer. Isso é o bom de trabalhar em grupo. (Maria Inês, agricultora e professora de Três Forquilhas)*

A análise das trajetórias dessas famílias mostra que a adesão à agricultura ecológica requer uma boa dose de ousadia e coragem e que os seus resul-



Reunião do OPAC em Três Forquilhas, Litoral Norte



Gilberto Ritter, presidente da Coomafitt, e família na Feira em Porto Alegre

tados positivos não ocorrem como processos espontâneos dependentes unicamente da vontade e dos conhecimentos prévios dos agricultores. Para que essas trajetórias evoluam, é preciso que as famílias estejam envolvidas em um processo ativo e dinâmico de geração de conhecimentos e de articulação com iniciativas coletivas que as insira em novos domínios e atividades associadas à produção agrícola. A transformação e a comercialização direta de alimentos, as medidas e estratégias relacionadas à proteção ambiental e mesmo a certificação participativa são exemplos de novos domínios assumidos por essas famílias.

Nas palavras de Odir, um dos agricultores pioneiros da agricultura ecológica na região, percebe-se que uma importante transposição de fronteira para outros domínios implica a criação de novas conexões com diferentes atores na realização de uma prática inovadora.

*Quando a gente iniciou na agricultura ecológica, em 1995, a gente não conhecia as técnicas, era tudo novidade. A Emater e o Centro Ecológico foram importantes na nossa caminhada. O primeiro curso que a gente fez sobre Agroecologia foi organizado pelo Centro Ecológico e quem nos convidou pra ir foi o técnico da Emater. (Odir, agricultor de Três Forquilhas)*

Esse processo, que é um misto de práticas sociais e técnicas, tem sido fundamental para a construção de redes de cooperação, que resultam da articulação de várias organizações, sendo algumas das principais as ONGs Anama e Centro Ecológico, a Emater-Ascar/RS, a Associação de Mulheres Agricultoras para o Desenvolvimento Comunitário de Três Forquilhas (Amadecom), o Organismo de Avaliação Participativa da Conformidade Orgânica do Litoral Norte (Opac - Litoral Norte), a Coomafitt, a Rede Ecovida, a Rede Juçara, o Litoral Solidário, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), dentre outras.

Tal rede foi criada a partir da necessidade de compartilhar conhecimentos, envolvendo desde os aspectos produtivos até o desenvolvimento de condições de inserção socioeconômica dos agricultores familiares que, muitas vezes, estavam em situação de vulnerabilidade. Essa dinâmica pode ser concebida como um *conjunto entramado de processos organizativos* (ROVER, 2011, p. 60), no qual os elementos que se *entramam* estão ligados à agricultura familiar, mas são colocados em marcha por distintos atores sociais: agricultores – seja individualmente ou organizados em cooperativas, agroindústrias familiares, associações e grupos informais –, ONGs, organizações de assistência técnica e extensão rural, institutos de pesquisa, universidades, secretarias municipais de agricultura e de educação, diferentes órgãos de Estado, dentre outros.

Todavia, sem o envolvimento direto dos agricultores, é difícil imaginar que as redes de cooperação prosperem ou mesmo que os desafios de ordem política sejam enfrentados. A experiência dos irmãos T, como são conhecidos, é emblemática nesse sentido. Tézio e Terêncio têm dois irmãos, Telmo e Telo. Todos fazem parte de uma ou outra organização e sempre estão envolvidos em articulações políticas e sociais, participando efetivamente dos Conselhos Consultivos da Reserva Biológica, das decisões da Coomafitt e do Opac, integrando também a Rede Juçara e o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural de Itati.

**Essa articulação em rede dos atores proporciona diferentes aprendizados. Para os agricultores do Litoral Norte, os espaços de interação social são importantes para impulsionar ações criativas no que tange às técnicas, orientando o redesenho das unidades de produção agrícola, o planejamento e o escalonamento da produção e a inserção em novos mercados.**

**No que se refere às entidades de Ater, esse convívio com diferentes atores tem funcionado como mecanismo de retroalimentação, promovendo algumas mudanças nas práticas diárias dessas organizações.**

As prefeituras municipais também vêm demonstrando adaptações em suas formas de atuação diante das novas políticas públicas e demandas levantadas pela rede. Percebe-se, por exemplo, que as secretarias de agricultura e de educação passaram a atuar juntas, incentivando o mercado institucional por meio do PAA e do PNAE. Consequentemente, acabam por incentivar a produção de base ecológica e a compra dos produtos oriundos da agricultura familiar.

No entanto, não se pode ignorar que, em um processo de aprendizagem como esse, é necessário que cada um compreenda o outro, uma vez que a troca de conhecimentos gera conscientização mútua entre atores pertencentes a mundos e lógicas diferentes (SABOURIN, 2009). O reconhecimento do outro é, portanto, uma premissa para a ação conjunta. O desafio de conseguir articular diferentes interesses e modos de ação é permanente. Pode-se avaliar que as redes de cooperação estão propiciando, nessa região, o estabelecimento de vínculos geradores de fluxos de conhecimento, informação e aprendizagem, que promovem a transposição das fronteiras das unidades de produção e da ação individual dos agricultores e de outros atores envolvidos. Disso resulta o desenvol-



Foto: Lauren Pettenon

Manejo do bananal, Ronildo Flores - junho 2013

vimento de condições para a superação das situações de vulnerabilidade social e pobreza e, assim, de melhoria da qualidade de vida.

**Flávia Charão Marques**

Professora de Desenvolvimento Rural na UFRGS  
flavia.marques@ufrgs.br

**Maria Alice F. Corrêa Mendonça**

Doutoranda em Desenvolvimento Rural pela UFRGS  
maria.alice.fcm@gmail.com

**Monique Medeiros**

Doutoranda em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina mmedeiros@ymail.com

**Lauren da Silva Pettenon**

Mestre em Desenvolvimento Rural e Agrônoma da Emater-Ascar/RS laurenpettenon@yahoo.com.br

### Referências bibliográficas:

ANAMA/PGDR. **Diagnóstico socioeconômico e ambiental do município de Maquiné - RS:** perspectiva para o Desenvolvimento Rural Sustentável. Relatório de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

ROVER, Oscar J. Agroecologia, mercados e inovações sociais: O caso da Rede Ecovida de Agroecologia. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 56-63, 2011.

PETTENON, Lauren da Silva. **Dinâmicas do conhecimento e a emergência de novidades na agricultura de base ecológica no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.** Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 129 p.

SABOURIN, Eric. Mudança social e técnica. In: \_\_\_\_\_. **Camponeses do Brasil:** entre a troca mercantil e a reciprocidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.